

## A obra “Rodoviária de Brumadinho” como *site specific* no espaço social<sup>1</sup>

Mariana Bento BENETI<sup>2</sup>

Marcia Eliane ROSA<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise baseada na observação da obra “Rodoviária de Brumadinho”, criada por John Ahearn, em 2005, como uma representação da própria rodoviária da cidade em que o Instituto Inhotim está localizado. A obra, um *site specific*, é observada a partir da leitura do conceito de espaço social de Lefebvre (2006), como um local para fugir da repressão e disciplina; um diferencial da sociedade, e que também se relaciona com o que Rancière (2009) denomina a *Partilha do Sensível*; uma existência de um comum partilhado e com partes exclusivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inhotim; Brumadinho; artes; espaço social; *site specific*.

### Introdução

Cada grupo, sociedade e comunidade cria seu próprio modo de conviver socialmente. Produzem um espaço, o seu próprio, com as diversidades que englobam. Inicialmente, o autor Lefebvre (2006) define espaço social como o apropriado para as tais relações sociais das comunidades:

O espaço social contém, designando-lhes lugares apropriados (mais ou menos) as relações sociais de reprodução, a saber, as relações bio-fisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização especificada da família – e as relações de produção, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto as funções sociais hierarquizadas (LEFEBVRE, 2006, p. 30).

O encontro de pessoas de sexo, idade e classe social distintas se passa por dentro desse espaço social gerado pela própria sociedade, que pode se modificar de local em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagens, Mídia e Artes, na PUC-Campinas, graduada em Jornalismo. e-mail: maribeneti@hotmail.com.

<sup>3</sup> Pesquisadora e professora no Programa de Pós-Graduação Linguagens, Mídia e Artes da PUC - Pontifícia Universidade Católica de Campinas com pós-doutorado pela Faculdade Cásper Líbero onde atua junto ao Grupo de Pesquisa Comunicação e Sociedade do Espetáculo. Atualmente investiga as características das grandes exposições itinerantes tanto em seus aspectos da comunicação como no propósito da interação social e mercadológica do espaço das artes. e-mail: marciaer@terra.com.br.

local. Nele, a sociedade passa por um processo para se apresentar e representar no lugar escolhido. O espaço social é o da sociedade (LEFEBVRE, 2006). Levando em consideração o fato de que esse espaço pertence a sociedade, ela também passa a ser e conviver dentro dele de formas diferentes.

Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos “habitantes”, dos “usadores”, mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente em descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, submetido, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feiras as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais (LEFEBVRE, 2006, p. 35).

Esses habitantes, ou “usadores” como Lefebvre diz, podem realizar ações distintas no espaço escolhido. Desde vendas, até práticas sociais que supõe o uso do corpo, como danças e outros. Em cidades pequenas, como é o caso de Brumadinho – MG, a comunidade se encontra na rodoviária para a venda de objetos produzidos pelos cidadãos da cidade e, também, para dançar forró. Brumadinho é a cidade que abriga o Instituto Inhotim, conhecido por sua paisagem cultural, jardins botânicos e artes ao céu aberto. Como objeto de análise para este artigo, será observado um trabalho (de 2005, no Inhotim) que retrata a reprodução dessa rodoviária.

### **Imagem 1 – Obra Rodoviária de Brumadinho**



*Obra: Rodoviária de Brumadinho (2005), vista por inteiro. Fonte: Inhotim.*

Situado no Município de Brumadinho e fundado em 2002, o Instituto Inhotim é uma combinação de Jardim Botânico e Museu de Arte Contemporâneo sem fins lucrativos que foi qualificado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Governo Federal e pelo Governo de Minas Gerais. “Possui um relevante acervo de arte contemporânea, composto por galerias temporárias e permanentes em que são apresentadas ao público obras de artistas de renome nacional e internacional” (ARANTES; PÁDUA, 2016, p. 3).

Inhotim tem, em seu acervo, exposições dos mais diversos trabalhos de artistas de países distintos. Um deles se trata da própria cidade de Brumadinho e do espaço de representação que a sociedade dali criou. A obra “Rodoviária de Brumadinho” foi criada por John Ahearn, em 2005, como uma representação da própria rodoviária do local, que foi escolhida para a convivência entre a comunidade da cidade.

#### **Site specific: obra Rodoviária de Brumadinho**

Com as esculturas das pessoas e do ônibus azul em tamanho real, John Ahearn usou a população que realmente frequentava o local para criar os personagens para sua obra. Depois de viver por dois anos no Brasil, especificamente na cidade de Brumadinho, pôde conhecer melhor a sociedade e desenvolver uma relação com os que ali moravam para poder entender o espaço social escolhido por eles.

Os meros personagens retratados na obra *Rodoviária de Brumadinho* (2005), do americano John Ahearn e do porto-riquenho Rigoberto Torres pertencentes ao espólio do Caci e inseridas no espaço aberto da Galeria Praça, buscam passar uma relação discutível entre os moradores *versus* público e investidores. A *memória* que tentam passar é diferente da versão sobre os acontecimentos na região do Caci se analisadas pelo olhar dos antigos moradores. As histórias ficam absorvidas no tempo e no espaço e só são contadas quando estimuladas (RACHED, 2014, p. 147).

Assim, John Ahearn, americano nascido em Binghamton e que atualmente reside e trabalha em Nova York (EUA), viveu de 2004 a 2006 no Brasil com Rigoberto Torres, seu parceiro nascido em Agadilla, Porto Rico e que trabalha em Orlando, Flórida (EUA). Durante o período em que viveu em Brumadinho, Ahearn conheceu os personagens que gostaria de representar no terminal de transporte para mostrar o centro da vida social.

O artista reuniu algumas pessoas na própria rodoviária para fazer inscrição e a forma do rosto de cada uma, antes de montar a escultura. Cidadãos de idade, sexo e raça diferentes eram chamados para representar a sociedade local.

### Imagem 2 – Casting para obra



*Fila para casting de John Ahearn, na Rodoviária de Brumadinho. Fonte: site oficial de John Ahearn.*

### Imagem 3 – Seleção dos personagens



*Seleção dos personagens representados na obra. Fonte: site oficial de John Ahearn.*

Os moradores tiveram a oportunidade de participar ativamente da criação da obra, não só como os personagens escolhidos, mas também como aqueles que tinham fala e opinião para dizer o que pensavam sobre seu próprio eu, seu próprio ambiente de convivência.

Os personagens retratados por John Ahearn e Rigoberto Torres que tentam passar uma relação entre os moradores, público e investidores. Possivelmente, mais um detalhe para se obter um maior reconhecimento da imagem, mas o que se vê é a falta de apreço aos valores locais relacionados com a memória coletiva e identidade da comunidade que ali existiu (RACHED, 2014, p. 284).

A exposição da obra só foi realizada em 2005, após todo o *casting* feito por Ahearn. Nela, pode-se notar o ônibus (em tamanho real), que dá um significado imediato para “rodoviária”, e as pessoas dançando o forró, que mostra a convivência social.

#### **Imagem 4 – Ônibus em tamanho real**



*Detalhe ônibus. Fonte: Inhotim.*

A obra foi montada para ser um *site specific* no Inhotim, o que caracteriza um trabalho feito somente para aquele local e que só tem significado naquele espaço com uma busca constante para identidade espacial. Para o autor Schiocchett (2011), a definição de *site specific* é: “a arte que dialoga com o espaço circundante incorporando-o à obra e/ou transformando-o temporariamente ou permanentemente, sendo esta fisicamente acessível” (SCHIOCCHETT, 2011).

“Rodoviária de Brumadinho” foi criada para ter significância somente na cidade de Brumadinho, especificamente na parede em que faz parte no Inhotim. Ao retirá-la do local, ela perde seu sentido principal, de representar a comunidade que ali vive.

A abordagem responsiva atingiria diversos níveis espaciais, possibilitando com que o público se inter-relacione com o passado e o presente de um local; com impressões sobre a sua história e sobre as suas atividades atuais, além de sensações físicas, texturas e demais aspectos subjetivos do espaço. Através da imersão no espaço e da abordagem responsiva, o trabalho tem a capacidade de fazer o público (re)pensar seja o espaço onde está, como a sua maneira de ocupar este espaço (SCHIOCCHET, 2011, p. 133).

Desta forma, os visitantes do Inhotim foram convidados a pensar (ou, como diz a autora, (re)pensar) sobre a comunidade inserida na cidade de Brumadinho, onde o instituto museal se encontra.

O espaço de escolhido por John Ahearn, a rodoviária de Brumadinho, é um local de encontro social para a dança da música local, além de venda de produtos criados por habitantes – tudo que supõe o uso do corpo, o emprego das mãos, dos membros, como na dança do forró.

### **Imagem 5 – Representação do forró**



*Detalhe Forró também presente na obra de John Ahearn. Fonte: Inhotim.*

---

Desta forma, o artista pode explorar a questão do espaço social como espaço de representação, afirmada na obra de Lefebvre:

O espaço de representação se vive, se fala; ele tem um núcleo ou centro afetivo, o Ego, a cama, o quarto, a moradia ou a casa; - a praça, a igreja, o cemitério. Ele contém os lugares da paixão e da ação, os das situações vividas, portanto, implica imediatamente o tempo. De sorte que ele pode receber diversas qualificações: o direcional, o situacional, o relacional, porque ele é essencialmente qualitativo, fluido, dinamizado (LEFEBVRE, 2006, p. 37).

Essa não é a única obra de arte que tenta demonstrar a vida social de uma comunidade, e ainda mais, que deixa as próprias pessoas opinarem sobre o que está sendo criado. Entretanto, o trabalho de John Ahearn é um dos únicos que tem essa representação no Instituto Inhotim, com o desenvolvimento de espaço representativo, como é mostrado.

### **O espaço partilhado**

O espaço social dessa comunidade, igualitário, revela um ambiente em comum que serve para romper com o cotidiano imposto pela sociedade. Como afirma Rancière (2009), essa denominada *Partilha do sensível* revela, ao mesmo tempo, “a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma *partilha do sensível* fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2009, p. 15).

O que Lefebvre diz como um espaço que nasce para fugir da repressão e da disciplina, Rancière mostra, da mesma forma, como um diferencial da sociedade. Nesse caso de Brumadinho, através da festa e dança, que o próprio cotidiano mostra a saída que a comunidade encontra das regras da sociedade. A dança do forró, artístico e cultural, é uma maneira espontânea de reunir as pessoas do local.

“As práticas artísticas são “maneiras de fazer” quem intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (RANCIÈRE, 2009, p. 17). A arte, apresentada nessa *partilha do sensível*, encontra-se como uma forma de autonomia própria daquela comunidade.

As artes nunca emprestam às manobras de dominação ou de emancipação mais do que lhes podem emprestar, ou seja, muito simplesmente, o que têm em comum com elas: posições em movimentos dos corpos, funções da palavra, repartições do visível e do invisível. E a autonomia de que podem gozar ou a subversão que podem se atribuir repousam sobre a mesma base (RANCIÈRE, 2009, p. 26).

As posições e movimentos dos corpos, como Rancière (2009) afirma, são observadas através da dança do Forró, comum em Minas Gerais.

### **Considerações Finais**

De acordo com Lefebvre (2006), portanto, existe a criação de um espaço social na rodoviária de Brumadinho, pois ao mesmo tempo que a comunidade vai até o local para pegar ônibus e se locomover, também vai para fugir da disciplina e montar um local que está um pouco mais livre de regras repressivas. Isso, representado na obra “Rodoviária de Brumadinho”, na parede do Inhotim, só pode ser compreendido se permanecer nesse mesmo instituto museal, como um *site specific*, ou perderá o sentido.

Já com Rancière (2009), na *Partilha do Sensível*, é possível observar na dança do forró, realizada na própria rodoviária de Brumadinho, que existe um local para posição e movimento dos corpos através de uma arte. Essa dança, comum em Minas Gerais (onde Brumadinho está situada), está também representada na obra do Inhotim.

O que tanto Lefebvre quanto Rancière explicam, e o que acontece na rodoviária de Brumadinho, é que a comunidade local encontrou formas de montar um espaço social igualitário, espontâneo, sem repressão e disciplina da sociedade em si. A obra “Rodoviária de Brumadinho”, de John Ahearn, expressa essa forma de organização em um *site specific* localizado em uma instituição museal na própria cidade.



---

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Lidiane; PÁDUA, Karla. **A paisagem cultural do museu e jardim botânico Inhotim como ferramenta de sensibilização ambiental**. Universidade do Estado de Minas Gerais, faculdade de Educação, artigo publicado para o Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, em Belo Horizonte, 2016.

LEFEBVRE, Henry. **A produção do espaço**. Traduzido e publicado pelo Núcleo de Geografia Urbana da UFMG, 2006.

RACHED, Lisete Hanna. **Centro de Arte Contemporânea Inhotim – Caci**. Dissertação de mestrado apresentada à faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2009.

SCHIOCCHET, Michele Louise. **Site-Specific Art? Reflexões a respeito da performance em espaços não tradicionalmente dedicados a esta**. Artigo publicado na revista Urdimento, nº 17 em setembro, 2011.